



# A Santa Sé

---

VIAGEM APOSTÓLICA DE SUA SANTIDADE FRANCISCO  
à INDONÉSIA, PAPUA NOVA GUINÉ,  
TIMOR LESTE E SINGAPURA  
(2 - 13 de setembro de 2024)

**CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DO SANTO PADRE**  
**NO VOO DE REGRESSO DE SINGAPURA**

*Sexta-feira, 13 de setembro de 2024*

**[Multimídia]**

---

**CONFERÊNCIA DE IMPRENSA no voo de regresso de Singapura, 13 de setembro de 2024**

**Matteo Bruni**

Eis-nos aqui. Olá, Santidade! Obrigado por estes dias – tantos dias – de viagem. Obrigado também por nos ter feito sentir mais a alegria das pessoas do que o nosso cansaço. E agora algumas perguntas dos jornalistas que viajaram consigo.

**Papa Francisco**

Em primeiro lugar, quero agradecer a todos vós por este trabalho e pela companhia na viagem, que é muito importante para mim. Depois, gostaria de felicitar a “decana”, porque Valentina Alazraki está a realizar a sua 160ª viagem! Não lhe direi que tem de se reformar, mas que continue assim!

Bem, agora façam as perguntas. Muito obrigado!

**Matteo Bruni**

A primeira pergunta, Santidade, é de uma jornalista de Singapura: Pei Ting Wong (The Straits Times). Ela fará a pergunta em inglês e traduzo.

### **Pei Ting Wong (The Straits Times)**

Papa Francisco, estou feliz que se encontre bem e que esteja regressando a Roma. Espero que tenha gostado de visitar Singapura e também da comida local. Como a experiência de Singapura é recente, podemos partir daí. Em geral, o que é que mais apreciou em Singapura: a cultura, as pessoas? Ficou surpreso com o que viu? E o que é que Singapura pode aprender com os outros três países que visitamos? Refiro-me especificamente à sua mensagem sobre uma remuneração justa para os trabalhadores migrantes com baixos rendimentos: o que é que inspirou esta mensagem, qual foi a ideia que esteve na sua origem? E a outra pergunta - desculpe, tenho outra -: disse que Singapura tem um papel muito especial para desempenhar em âmbito internacional. O que é que Singapura pode fazer neste mundo conflituoso e como é que o Vaticano, enquanto aliado diplomático, pode contribuir? Obrigado.

### **Papa Francisco**

Obrigado eu. Para começar, não estava esperando encontrar uma Singapura como esta. Dizem que lhe chamam a Nova Iorque do Oriente: um país desenvolvido, limpo, pessoas educadas, uma cidade com grandes arranha-céus e também com uma grande cultura inter-religiosa. O encontro inter-religioso que tive no final foi um exemplo, um exemplo de fraternidade. Depois, falando dos migrantes, vi também os arranha-céus para os trabalhadores. Os arranha-céus de luxo e os outros estão bem feitos e limpos. Gostei muito disso! Não senti que houvesse discriminação, nada disso. Fiquei impressionado com a cultura. Por exemplo, fiquei impressionado com a cultura no encontro com os alunos, no último dia. O papel internacional: escutei que na próxima semana haverá uma "Fórmula 1", penso eu... O papel internacional é o de uma capital que atrai as culturas, o que é importante. Trata-se de uma grande capital! Não estava à espera de encontrar algo assim.

### **Pei Ting Wong**

Há uma outra questão: Singapura pode aprender com os três países – Papua Nova Guiné, Indonésia e Timor-Leste?

### **Papa Francisco**

Sempre se pode aprender alguma coisa, porque cada pessoa e cada País tem uma riqueza distinta em relação ao outro. Por isso é importante a fraternidade na comunicação. Por exemplo, ao pensar em Timor Leste, uma coisa que eu vi ali foi muitas crianças; em Singapura não vi tantas. Se calhar, é uma coisa a aprender...

**Pei Ting Wong**

Sim, temos uma taxa de natalidade baixa.

**Papa Francisco**

Terão medo? Qual é a vossa taxa de natalidade?

**Pei Ting Wong**

Que eu saiba, é inferior a 1,2%, inferior à do Japão.

**Papa Francisco**

O futuro são as crianças! Pensai nisto. Obrigado. Ah, mais uma coisa: vós, singapurenses, sois muito simpáticos. *Vós sorris...*

**Matteo Bruni**

A segunda pergunta, Sua Santidade, é de Delfim de Oliveira, jornalista da GMN TV em Timor-Leste. Ele colocará a questão em português, mas temos a tradução da sua pergunta.

**Delfim de Oliveira, GMN TV (Grupo Média Nacional) de Timor-Leste**

Santo Padre, muito obrigado por esta oportunidade. A sua mensagem no final da missa em Taci Tolu é o assunto mais discutido agora em Timor. O senhor utilizou o termo “crocodilos” para chamar a atenção dos timorenses em relação à presença de crocodilos em Timor. O que o Papa queria dizer com isso?

**Papa Francisco**

Eu utilizei a imagem dos crocodilos que aparecem na praia. Timor Leste tem uma cultura simples, familiar, alegre, tem uma cultura de vida, tem muitas crianças, muitas, e eu, quando falava dos crocodilos, falava das ideias que podem vir de fora para estragar esta harmonia que vós tendes. Digo-vos uma coisa: fiquei apaixonado por Timor-Leste! Outra coisa...

**Delfim de Oliveira, GMN TV (Grupo Média Nacional)**

O povo timorense, na sua maioria é católico e, neste momento, a presença de seitas é muito forte em Timor. A expressão do Papa: “crocodilos” refere-se também a presença de seitas em Timor?

**Papa Francisco**

Talvez. Não me pronuncio sobre isso, não posso, mas pode ser. Todas as religiões devem ser respeitadas, porém há que distinguir entre religião e seita. A religião é universal, qualquer religião; a seita é restritiva, é um pequeno grupo que tem sempre outra intenção. Obrigado e parabéns pelo vosso País.

**Matteo Bruni**

A terceira pergunta é de Francisca Christy Rosana (Tempo Media Group), uma jornalista da Indonésia, que – como sabe – fez anos há alguns dias.

**Francisca Christy Rosana (Tempo Media Group)**

Obrigada, Papa Francisco! Eu sou a Francisca, de Tempo Magazine. Espero que tenha tido momentos inesquecíveis na Indonésia, porque as pessoas do País, e não só os católicos, estavam à sua espera há muito tempo. As minhas perguntas são as seguintes: apercebemo-nos de que o País ainda está a lutar pela democracia. Qual é a sua impressão e qual é a sua mensagem para nós? E a última pergunta: a Papua e a Indonésia têm por vezes o mesmo problema que a Papua Nova Guiné: os investimentos na exploração mineira estão reservados aos oligarcas e, entretanto, os habitantes locais e os nativos não usufruem dos benefícios desta atividade. O que é que pensa e o que se pode fazer? Obrigado, Papa Francisco!

**Papa Francisco**

Trata-se de um problema, diria eu, comum às nações em vias de desenvolvimento. Por isso, é importante o que diz a doutrina social da Igreja: que deve haver comunicação entre os diferentes sectores da sociedade. A senhora disse que a Indonésia é um País em vias de desenvolvimento, e talvez uma das coisas que precisa de ser desenvolvida seja precisamente esta: a relação social. Mas fiquei contente com a visita ao seu País. Excelente, muito bonito!

**Matteo Bruni**

Sua Santidade, a imprensa da Papua-Nova Guiné seguiu a sua viagem com grande interesse, mas infelizmente não foi possível ter um jornalista a bordo deste voo. Por isso, gostaria de aproveitar a oportunidade para lhe perguntar se há alguma coisa que gostaria de nos dizer sobre a Papua Nova Guiné e em particular sobre Vanimo, um lugar onde, penso, quis ir pessoalmente.

**Papa Francisco**

Gostei do País, vi-o em forte desenvolvimento. Depois quis ir a Vanimo para encontrar um grupo de padres e religiosas argentinos que lá trabalham, e encontrei uma organização muito bonita! Em todos os Países a arte está muito desenvolvida: danças, outras expressões poéticas... Mas

na Papua-Nova Guiné é impressionante, e em Vanimo o desenvolvimento da arte é incrível. Isso tocou-me muito. Os missionários que visitei estão na floresta, vão para a floresta trabalhar. Gostei de Vanimo, e do País também. Obrigado.

### **Matteo Bruni**

Obrigado, Santidade. A próxima pergunta vem de Stefania Falasca, que também escreve para um site na China (Tianou Zhiku).

### **Stefania Falasca (Tianou Zhiku)**

Boa tarde, Santo Padre. Infelizmente não falo chinês! Saímos de Singapura, um País com uma população maioritariamente chinesa, e um modelo de coexistência harmoniosa e pacífica. E, a propósito da paz, gostaria de saber o que pensa, dada a proximidade também com a China continental, dos esforços feitos por esta para conseguir um cessar-fogo nas regiões em conflito, como a Faixa de Gaza. Em julho, foi assinada em Pequim a “Declaração de Pequim” para pôr fim às divisões entre os palestinos. E depois, pergunto se há espaço para uma cooperação entre a China e a Santa Sé, tendo em vista o tema da paz. Uma última coisa: estamos a aproximar-nos da renovação do acordo China-Santa Sé sobre a nomeação dos bispos; até este momento, sente-se ou não satisfeito com os resultados do diálogo?

### **Papa Francisco**

Vou pegar na última questão: estou contente com o diálogo com a China, o resultado é bom. Mesmo no que diz respeito à nomeação dos bispos, trabalha-se com boa vontade. Tive notícias da Secretaria de Estado sobre como as coisas estão a correr e estou contente. A outra coisa é a China: a China para mim é uma *ilusión* [um desejo], no sentido de que eu gostaria de a visitar, porque é um grande País. Admiro a China, respeito a China. É um País com uma cultura milenar, com capacidade de diálogo, de compreensão entre si que transcende os diferentes sistemas de governo que teve. Penso que a China é uma promessa e uma esperança para a Igreja. A colaboração pode ser feita e, certamente, em relação aos conflitos. Neste momento, o Cardeal Zuppi está a agir nessa linha e também mantém relações com a China.

### **Matteo Bruni**

Obrigado, Santidade. A próxima pergunta é de Anna Matranga (CBS News), que já conhece.

### **Anna Matranga (CBS News)**

Boa tarde, Santidade. O Senhor pronunciou-se várias vezes em defesa da dignidade da vida. Em Timor-Leste, um país com uma taxa de natalidade muito elevada, disse que sentiu a vida a pulsar

e a explodir por causa de tantas crianças. Em Singapura, falou em defesa dos trabalhadores migrantes. Tendo em conta as próximas eleições nos Estados Unidos, gostaria de lhe perguntar: que conselho pode dar a um eleitor católico que tem de decidir entre um candidato que é a favor da interrupção da gravidez e um outro que gostaria de deportar 11 milhões de migrantes?

### **Papa Francisco**

Ambos são contra a vida, tanto o que expulsa os migrantes como o que mata os bebês. Ambos são contra a vida. Não há como decidir, não posso dizer. Não sou norte-americano nem vou votar lá, mas sejamos claros: expulsar os migrantes, não lhes dar a possibilidade de trabalhar nem acolhimento é um pecado, é grave. No Antigo Testamento, há um refrão: o órfão, a viúva e o estrangeiro, ou seja, o migrante. São os três que o povo de Israel deve proteger. Quem não protege o migrante, erra. É um pecado, um pecado também contra a vida daquele povo. Celebrei Missa na fronteira, perto da Diocese de El Paso, e havia ali tantos sapatos de migrantes que acabaram mal. Hoje há um fluxo de migrantes na América Central que, muitas vezes, são tratados como escravos, porque se aproveitam desta situação. A migração é um direito, um direito que já existia na Sagrada Escritura, no Antigo Testamento. O estrangeiro, o órfão e a viúva: não se deve esquecer isto. É o que eu penso dos migrantes. Depois, o aborto. A ciência diz que, um mês depois da concepção, existem todos os órgãos de um ser humano. Todos! Fazer um aborto é matar um ser humano. Goste-se ou não da palavra, é matar. Tal e qual. A Igreja não é fechada porque não permite o aborto: a Igreja não permite o aborto porque isso significa matar: é um assassinio. E sobre isto temos que ter ideias claras. Banir os migrantes, não os deixar desenvolver nem ter a sua vida é mau, é uma maldade. Banir um bebê do seio materno é assassinato, porque ali existe vida. E nestas coisas temos de falar claramente. “Mas...”. Nada de “mas”. As duas coisas são claras. O órfão, o estrangeiro e a viúva: não esquecer isto.

### **Anna Matranga (CBS News)**

Podem haver circunstâncias nas quais seja moralmente admissível a um católico votar num candidato que seja favorável à interrupção da vida?

### **Papa Francisco**

Na moral política, em geral, se diz que não votar é ruim, não é bom: se deve votar. E se deve escolher o mal menor. Quem é o mal menor, aquela Senhora o aquele Senhor? Não sei, cada um em consciência pense e faça-o.

### **Matteo Bruni**

Obrigado, Santidade. A próxima pergunta é de Mimmo Muolo, do “Avvenire”.

## **Mimmo Muolo, Avvenire**

Boa noite, Santidade, e obrigado por esses dias. Em nome dos jornalistas italianos, gostaria de lhe perguntar: há o perigo de o conflito em Gaza se espalhar para a Cisjordânia e houve uma explosão há algumas horas que matou 18 pessoas, incluindo alguns funcionários da ONU. Quais são seus sentimentos neste momento? E o que você gostaria de dizer às partes em conflito? Existe alguma possibilidade de mediação da Santa Sé para conseguir um cessar-fogo e a tão esperada paz? Obrigado.

## **Papa Francisco**

A Santa Sé está trabalhando nesse sentido. Vou lhe dizer uma coisa: todos os dias ligo para a paróquia de Gaza. Lá, na paróquia e no colégio, há 600 pessoas: cristãos e muçulmanos, mas eles vivem como irmãos. Eles me contam coisas ruins, coisas difíceis. Não posso determinar se essa guerra é muito sangüinária ou não, mas, por favor, quando se vê os corpos de crianças mortas, quando se vê que, supondo que alguns guerrilheiros estejam ali, se bombardeia uma escola: isso é ruim, isso é ruim! Às vezes, se diz que é uma guerra defensiva ou não, mas às vezes acho que é uma guerra excessiva, excessiva... E - lamento dizer isso - mas não acho que estejam sendo feitos passos para fazer a paz. Por exemplo, em Verona, tive uma experiência muito bonita: um judeu, cuja esposa havia morrido num bombardeio, e um de Gaza, cuja filha havia morrido, ambos falaram de paz, se abraçaram e deram um testemunho de fraternidade. Digo: a fraternidade é mais importante do que o assassinato de um irmão. Fraternidade, dar a mão. No final, aquele que vencer a guerra encontrará uma grande derrota. A guerra é sempre uma derrota, sempre, sem exceção. E não podemos nos esquecer disso. É por isso que tudo o que é feito pela paz é importante. E também quero dizer uma coisa - isso é um pouco de intromissão na política, mas quero dizer -: agradeço muito, muito, pelo que o rei da Jordânia está fazendo. Ele é um homem de paz e está tentando fazer a paz, o rei Abdallah é um homem muito bom.

## **Matteo Bruni.**

A próxima pergunta é da Lisa Weiss, da "TV alemã ARD".

## **Lisa Weiss, ARD**

Santo Padre, obrigado por esses dias. Durante essa viagem, o senhor falou muito abertamente, de maneira muito direta, sobre os problemas de cada país, não apenas sobre suas belezas. E justamente por isso nos perguntamos por que o senhor não falou sobre o problema da pena de morte que ainda existe em Singapura.

## **Papa Francisco**

Éverdade, sim, isso não me veio em mente. Mas a pena de morte não convém: lentamente temos que tentar eliminá-la, lentamente. Muitos países têm a lei, mas não seguem a sentença. Nos Estados Unidos, a situação é a mesma em alguns estados. Mas a pena de morte tem de ser interrompida. Ela não convém, não convém.

## **Matteo Bruni**

A próxima pergunta é de Simon Leplâtre do “Le Monde”.

## **Simon Leplâtre, Le Monde**

Santo Padre, antes de mais nada, muito obrigado por essa viagem fascinante. No Timor Leste, o senhor falou sobre as jovens vítimas de abuso sexual. Naturalmente, me veio à mente o bispo Belo. Na França, temos um caso semelhante, o do Abbé Pierre, fundador da instituição de caridade Emmaus, por muitos anos eleito como a personalidade preferida dos franceses. Em ambos os casos, o carisma dessas duas pessoas tornou muito mais difícil acreditar no que aconteceu. Gostaria de lhe perguntar: o que o Vaticano sabia sobre o Abbé Pierre, e o que você poderia dizer a todas as pessoas que acham difícil acreditar que uma pessoa que fez tanto bem também poderia ter cometido crimes? Falando da França, eu gostaria de saber: Você estará em Paris na ocasião da reabertura da Catedral de Notre-Dame? Muito obrigado.

## **Papa Francisco**

Respondo primeiro à última: não irei a Paris. Agora, a primeira. Você tocou num ponto muito sensível, muito delicado. Pessoas boas, pessoas que fazem o bem - você mencionou o Abbé Pierre - e que depois, com tanto bem que ele fez, se vê que essa pessoa é um grande pecador. E essa é a nossa condição humana. Não devemos dizer “vamos cobrir, vamos cobrir, para que isso não seja visto”. Os pecados públicos são públicos e devem ser condenados. Por exemplo, o Abbé Pierre é um homem que fez muito bem, mas também é um pecador. E devemos falar claramente sobre essas coisas, não escondê-las. Trabalhar contra o abuso é algo que todos nós temos que fazer: mas não apenas contra o abuso sexual, contra todos os tipos de abuso: abuso social, abuso educacional, mudar a mentalidade das pessoas, tirar sua liberdade... O abuso é, na minha opinião, uma coisa demoníaca, porque todos os tipos de abuso destroem a dignidade da pessoa, todos os tipos de abuso tentam destruir o que todos nós somos: a imagem de Deus. Fico contente quando esses casos vêm à tona. E vou lhes dizer uma coisa, que talvez eu tenha dito em outra ocasião: há cinco anos, tivemos uma reunião com os presidentes das conferências episcopais sobre casos de abusos sexuais e de outros tipos, e tivemos uma estatística muito bem feita, acho que das Nações Unidas. Entre 42% e 46% dos abusos ocorrem na família ou na vizinhança... [interrupção] Para terminar: o abuso sexual de crianças, de menores é um crime, é uma vergonha.



**Matteo Bruni**

Talvez, devido às instruções do capitão da aeronave, devêssemos nos sentar por um momento. Se o senhor quiser retomar, podemos nos sentar aqui. Nesse meio tempo, talvez possamos fazer outra pergunta de Elisabetta Piqué, do jornal La Nación, que o senhor conhece bem.

**Elisabetta Piqué, La Nación**

Em primeiro lugar, obrigado por essa bela viagem aos confins do mundo: foi a mais longa do Pontificado. E por falar em viagens longas, durante toda essa viagem, muitos colegas me perguntaram: “Mas nós vamos para a Argentina?”. O senhor disse muitas vezes que talvez no final do ano... Essa é a primeira pergunta: se vamos à Argentina ou não. E a segunda, sobre a Venezuela: como o Senhor sabe, há uma situação dramática; nos dias em que o Senhor esteve em viagem, o presidente teoricamente eleito teve que se exilar na Espanha. Que mensagem o senhor daria ao povo da Venezuela? Muito obrigado.

**Papa Francisco**

Não acompanhei a situação da Venezuela, mas a mensagem que eu daria aos governantes é que dialoguem e façam as pazes. As ditaduras não servem para nada e acabam mal, mais cedo ou mais. Leiam a história da Igreja. Eu diria que o governo e o povo estão fazendo de tudo para encontrar um caminho de paz para a Venezuela. Não posso dar uma opinião política porque não conheço os detalhes. Sei que os bispos falaram e que a mensagem dos bispos deve ser melhor. Além disso, o fato de eu ir à Argentina é algo que ainda não foi decidido. Eu gostaria de ir, é o meu povo, eu gostaria de ir; mas ainda não está decidido, porque há várias coisas a serem resolvidas primeiro. É tudo?

**Elisabetta Piqué, La Nación**

Sobre o grupo espanhol: caso fosse, poderia fazer uma escala nas Canárias?

**Papa Francisco**

Você leu minha mente. Eu penso um pouco sobre isso: ir para as Ilhas Canárias, porque há situações dos migrantes que vêm do mar para lá, e eu gostaria de estar perto dos governantes e do povo das Canárias. É isso.

**Matteo Bruni**

Sua Santidade, talvez possamos fazer uma última pergunta antes do almoço, feita por um jornalista indonésio, Bonifasius Josie Susilo Hardianto, do Kompas.Id

**Bonifasius Josie Susilo Hardianto, Kompas.Id**

Obrigado, Santo Padre. Alguns países estão se retirando do compromisso assumido no Acordo de Paris devido às dificuldades econômicas, especialmente após a pandemia. Muitos países estão hesitando em fazer a transição para uma energia limpa e menos baseada em combustíveis fósseis. Qual é a sua opinião sobre isso?

**Papa Francisco**

Acho que o problema climático é sério, muito sério. Desde Paris, que foi o ápice, as reuniões sobre o clima estão em declínio. Fala-se, mas não se age. Essa é a minha impressão. Falei sobre isso em meus dois escritos, *Laudato si'* e *Laudate Deum*.

**Matteo Bruni**

Nesse meio tempo, agradecemos, Santidade...

**Papa Francisco**

Obrigado. Obrigado a vocês. E vamos lá, vamos lá. Espero que eles nos deem de comer agora!...

Não, uma coisa que eu não respondi...

**Matteo Bruni**

Para completar a resposta a Simon Leplâtre:

**Papa Francisco**

O que o Vaticano sabia sobre o Abbé Pierre. Quando o Vaticano ficou sabendo, eu não sei. Não sei porque eu não estava aqui e nunca tive a ideia de pesquisar isso. Mas certamente depois de sua morte, com certeza; antes, eu não sei.

**Matteo Bruni**

Obrigado novamente, Santidade, por esse esclarecimento. Bom fim de viagem.